

PRECONCEITO DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NO TÊNIS: TUDO ISSO PORQUE ELA TEM O CORPO PARA SER ATLETA E NÃO UMA MODELO FOTOGRÁFICA.

Marco Antônio de Carvalho Ferretti
Jorge Dorfman Knijnik

RESUMO

Raça, gênero, sexo, sexualidade são categorias distintas que influenciam umas as outras. Quando internautas opinaram sobre a tenista Serena Williams posar nua utilizaram diversos discursos que para serem analisados com toda a heterogeneidade de opiniões foi preciso investigar sob a ótica de todas as categorias. Foram analisadas 170 opiniões e agrupadas por suas semelhanças em grupos, apontando qual discurso é mais forte entre esses internautas. O discurso erotizado foi o mais presente, críticas questionando a orientação sexual devida a sua forma física com músculos avantajados e a raça também se mostraram presentes.

Palavras-chave: *Serena Williams. Tênis de quadra. Internet.*

INTRODUÇÃO

Compreender a representação social da tenista Serena Williams exige várias abordagens, por ela ser mulher, negra, esportista... as categorias e suas inter-relações para dar uma boa visão sobre o tema começam por gênero, raça e sexualidade.

Segundo LOURO (1996) reconhecer as articulações entre as categorias nos leva a conhecer e conceituar de outra maneira as relações de poder, pensar em apenas uma categoria estaria ignorando que o poder é uma rede complexa.

GÊNERO:

Conforme LOURO (1996) gênero não é sexo, sexo se refere ao biológico, o que é homem e o que é mulher, enquanto que gênero está ligado a construção social do masculino e feminino, ou seja, como ser homem e como ser mulher.

Esportes considerados femininos são visto por alguns como ideais para as mulheres, são aqueles com graciosidade, leveza, que não desenvolva a musculatura, que não tenha contato físico. No tênis de quadra não ocorre o contato físico, se utiliza a raquete para torna a rebatida mais forte e ocorrem pausas entre um ponto e outro o que pode aparentar que tênis de quadra não é uma modalidade extenuante.

A classificação do tênis como uma modalidade “mais adequada” para as mulheres apareceu quando PAIM (2004) entrevistou uma jogadora de futebol, a adolescente respondeu que quando o seu avô soube que jogava futebol tentou comprá-la com uma raquete de tênis, dizendo que tênis era sim modalidade de menina.

SEXUALIDADE:

A sociedade faz relação direta a presença dos traços de gênero opostos as características biológicas como sinal de homossexualidade. FERNÁNDEZ, QUIROGA e OLMO (2006) aplicaram testes psicológicos de sexualidade e de gênero em 503 universitários e não encontraram essa relação.

Apesar da desmistificação da relação, ela ainda é presente nos meios esportivos e se torna visível quando alguém vai praticar uma modalidade que não corresponda ao seu

sexo, dessa forma a sociedade homófoba condena a uma série de preconceitos ligados a sexualidade como também limita as experiências esportivas tanto de homens como de mulheres.

A rejeição daquelas que estão na norma da heterossexualidade contra as que estão fora da norma social fica visível no relato de COX & THOMPSON (2000) em pesquisa com jogadoras de futebol, foi notado que as integrantes novas do time têm que passar por “testes” que provem sua heterossexualidade, como ter cabelo longo e namorado... referências ligadas a feminilidade e heterossexualidade que no senso comum se misturam. O teste ocorre porque as jogadoras passam muito tempo juntas durante as competições e temem serem assediadas pelas lésbicas.

RAÇA:

De acordo com CAMINO, SILVA, MACHADO e PEREIRA (2001) o racismo no Brasil é “mascarado” com a sua sutileza, o que o torna eficiente em discriminar pessoas negras e mais difícil de erradicar.

Em pesquisa realizada com 120 universitários da Universidade Federal da Paraíba, CAMINO, SILVA, MACHADO e PEREIRA (2001) identificaram que a força da norma anti-racista leva as pessoas evitarem assumir atitudes preconceituosas e ao mesmo tempo de ver que o Brasil continua discriminar negros/as, ou seja, passa a idéia de que existe a discriminação, mas ninguém é responsável por ela e assim sustenta-se a discriminação racial sem criar um sentimento de responsabilidade nas pessoas.

A presença de negros e mulatos no esporte ganhando elevados salários como atletas poderia passar a impressão que no meio esportivo o racismo não existe, porém em alguns países europeus o racismo faz com que atletas negros sofram preconceitos dentro do meio esportivo (GONZÁLEZ e MARTÍN, 2006) e no Brasil há poucos técnicos, dirigentes, presidentes de federações e confederações negros ou mulatos, ou seja, cargos de poder não são ocupados por eles no meio esportivo.

No futebol o racismo chegou a criar um estilo único de jogar futebol, conforme RODRIGUES (2004) no início do século XX os negros e pardos evitavam entrar em contato com os jogadores brancos para não criar situações propensas a brigas e para isso utilizavam-se de dribles, ginga e talento.

CORPO:

O corpo feminino ideal vem se modificando, conforme ADELMAN (2003) o corpo feminino ideal deixou de ser a frágil domestica passando a ser o da “mulher ativa”, que tem o corpo magro e firme, mas sem ser muito musculoso, e este corpo requer muito dinheiro e tempo para ser cultivado, o que não é possível para muitas mulheres.

Nas modalidades esportivas ocorrem transformações do corpo para o melhor rendimento e que não necessariamente estejam em consonância com os valores estéticos.

BRACE-GOVAN (2002) identificou que as bailarinas mesmo sendo olhadas como símbolo de beleza elas se dedicam ao máximo disciplinando do corpo, para ter força e aparentar leveza, com as fisiculturistas verificou-se que elas trabalham duramente os seus corpos desenvolvendo músculos que é normalmente ligado a masculinidade e são julgadas dentro dos valores heterossexuais, ou seja, tem que aparentar ter força, mas sem sair do padrão do desejo sexual da heterossexualidade, enquanto que as levantadoras de peso são avaliadas pelo quanto podem levantar de peso

e não com o formato corpo, porém elas criaram uma barreira para se protegerem do julgamento alheio sobre o formato de seus corpos.

RELAÇÕES:

Um exemplo de relações entre as questões de gênero, raça e sexualidade ocorreu quando o jogador Desábato do time Quilmes Atlético Club da Argentina dirigiu-se para Grafite do São Paulo Futebol Clube do Brasil da seguinte forma, “*Negrito de mierda, enfia la banana en el culo*”.

O racismo aparece ao qualificar o Grafite como “*Negrito de mierda*” devido a cor de seu corpo e o que ele sugeriu fazer com a banana questiona a heterossexualidade do jogador, sendo a heterossexualidade algo de muito valor na masculinidade hegemônica.

Na pesquisa de HARRISON JR., LEE e BELCHER (1999), eles entrevistaram 168 adolescentes negros e brancos de ambos os sexos da 7ª e 8ª séries. Através de um questionário procuravam ver em quais modalidades os adolescentes participariam, quanto tempo demorava a responder (quanto mais rápido maior a certeza) e um questionário em qual modalidade ele é melhor, qual o nível de proficiência que ele deseja ter na modalidade, como e quanto ele treina.

No tênis os autores encontraram relações de gênero e raça, sendo mais aceito pelas meninas caucasianas. Por ser uma modalidade de altos custos, ela não é disponível para afro-americanos que na maioria são de baixa renda. As meninas responderam mais rápido que os meninos se participariam ou não da modalidade, para os autores isso ocorreu porque as modalidades “para elas” estão mais bem definidas do que “para eles”. Analisando de forma geral encontraram que o afro-americano deseja um nível maior de proficiência e treina mais vezes por semana do que o outro grupo, não houve diferença quanto ao esforço.

Para os autores as diferenças de gosto por modalidades esportivas de cada raça e gênero ocorrem pela forma como a mídia retrata as modalidades e a atividade física, assim as diferenças não são de origem antropométrica ou fisiológica, e sim por influências sociológicas e psicológicas.

O presente trabalho buscou agrupar os comentários que internautas fizeram sobre a notícia que a Serena Williams iria posar nua sob a ótica de gênero, raça e sexualidade e juntamente com a notícia o blog expunha a foto da tenista nua de costas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Analisaram-se os comentários (http://www.comentarios.globolog.com.br/5/0/3/5/9/000050359/comentario_326822.html) postados no blog “Saque e Voleio” (<http://www.saqueevoleio.globolog.com.br/>) da reportagem “Serena Williams posa (quase!) nua”.

O blog foi criado em 15/04/2007 trazendo notícias sobre o tênis de quadra, com o foco sobre os atletas e os internautas podem comentar as notícias. A média de comentários por notícia entre os dias 15/04/2007 e 25/08/2007 foi de 17,58, e “Serena Williams posa (quase!) nua” foi a notícia mais comentada nesse período.

Na reportagem os comentários estão numerados de 1 a 170 e aqui foram agrupados em discursos semelhantes e assim quantificando a “força” de cada discurso das pessoas que visualizam o blog.

RESULTADOS

Temos no grupo “1” (N=68, 40%) as falas contém traços eróticos como palavras, “gostosa”, “tesão”, “boa”... O “2” (N=24, 14,1%) além dos traços do grupo anterior há palavras como “negra”, “morena”, “preta”... Em “3” (N=13, 7,6%) fala-se bem do ensaio fotográfico, mas sem falar que é negra ou de forma erótica. O “4” (N=8, 4,7%) contém as falas contra as opiniões racistas. No “5” (N=8, 4,7%) ocorrem ofensas com aqueles que escreveram de forma racista ou críticas a frases racistas. Em “6” (N=7, 4,1%) criticam a aparência dela, mas sem falar da musculatura. No “7” (N=6, 3,5%) contém falas daqueles que acham outras mais bonitas do que a Serena. O “8” (N=6, 3,5%) estão pedindo o mesmo ensaio fotográfico, porém com jogadores. No “9” (N=5, 2,9%) ocorre ligações da aparência dela com masculinidade ou homossexualidade. Em “10” (N=5, 2,9%) são falas que não tem relação com o assunto ou não tem sentido. O “11” (N=3, 1,7%) não elogiam o corpo dela, porém concordam que é uma boa jogadora. No “12” (N=3, 1,7%) fala-se bem da foto, usa palavras que relaciona com negra, mas sem falar de forma erótica. Em “13” (N=2, 1,1%) se referem aos músculos da jogadora. No “14” (N=2, 1,1%) ironizam a aparência dela e fugiriam se a encontrassem. Em “15” (N=2, 1,1%) questiona a orientação sexual ou a feminilidade da Serena e cita a sua cor.

Nos grupos unitários (com 0,5%) entramos o “16” que foi “O Guga já pegou hein. Verdade!”. O “17” coloca a atleta como negra, forte e “gostosa”. O “18” a vê como perfeita e queria ser um primata para senti-la. O “19” “preta e minha rolona de 21 cm”. O “20” fala que ela é melhor que a “magrela” da Sharapova em todas as posições. O “21” coloca que achar mulher feia não é racismo. O “22” “A Maria Sharapova é muito bonita, porem a Serena Williams é muito gostosa”. O “23” coloca que o rosto de Serena é feio, porém o corpo é lindo e musculoso.

DISCUSSÃO:

Devido a foto apresentada para os internautas ser sensual, isso contribuiu para que os grupos “1” e “2” fossem volumosos, somando os grupos “1”, “2”, “17”, “22” e “23” que elogiam sexualmente a foto temos 55,1%. Tais comentários reforçam a idéia da mulher ser um objeto para o prazer do homem e representam mais da metade dos comentários.

O grupo “1” trata a atleta como uma “boneca inflável de luxo” para satisfazer as vontades masculinas; no grupo “2” e “17” cabem os mesmo comentários dado ao grupo “1”, a diferença está em que a cor é citada, o grupo “19” nem elogia, vai direto a sexualidade, levando em consideração que durante a época da escravatura em que, de acordo com RIBEIRO (1995), as negras graciosas eram presentes que se davam para senhores do engenho e capatazes causando ciúmes as senhoras, como também os senhores e seus filhos tinha relações sexuais com as mulheres disponíveis, ou seja, os comentários dos grupos “2” e “17” reproduzem essa relação de poder entre o Senhor da casa grande e a escrava.

Dessa forma colocar como “essa negra”, “mulata”... elogiando sexualmente está ligado a um racismo invisível, que não tem nada de sutil, hierarquiza por raça (e gênero), e por ser invisível transmite para a maioria que ocorre a democracia racial.

Em “20”, “22” e “23” demonstram a idéia que a satisfação sexual ocorre através da beleza do corpo, do rosto não há importância e nos grupos “17” e “23” apresenta uma forma diferente de atração pelo físico, não mais um físico feminino meigo, frágil ou débil, mas sim forte e presente, trazendo uma nova forma de feminilidade, que é forte, mas ainda assim deve satisfazer as vontades sexuais.

Conforme SCHULTZ (2005) o fetiche pela musculosidade negra apareceu diversas vezes nos jornais ao retratarem Serena no Aberto dos Estados Unidos, com

base nessa nova forma de mulher o grupo “5” questiona a heterossexualidade daqueles que criticaram o corpo da Serena por ser musculoso, porém colocam como inferiores os homossexuais.

Apesar de a foto apresentar de forma diferente nas quadras, a forma de tratar as tenistas privilegiando seus atributos físicos é algo comum, SHUART (2003) relata que os comerciais têm apelado para atração sexual das tenistas com a finalidade de divulgar o seu produto.

Tal forma de apresentar seus produtos na propaganda mostra que pretendem vender seus produtos apenas para homens heterossexuais, as mulheres foram excluídas como potenciais consumidoras dos produtos esportivos.

A valorização do corpo também ocorre dentro das quadras, para DOUGLAS (2005) o tênis tem promovido a imagem da tenista como heterossexual, feminina e branca e exemplifica com Chris Evert, Anna Kournikova e Maria Sharapova. SCHULTZ (2005) relata que na vitória de Serena Williams no Aberto dos Estados Unidos de 2002 os comentaristas falaram mais sobre sua aparência, pois usava uma roupa tipo collant (*catsuit*), do que o confronto na final com a sua irmã.

Conforme SCHULTZ (2005) a significância dada para a moda masculina no tênis de quadra é menor do que a dada na moda feminina. Assim a escolha da roupa para usar na competição tem um valor maior para elas, pois será exibida e mais avaliada publicamente.

Desde a entrada da mulher no tênis as roupas eram uma grande preocupação, porém no passado a “moda tenista” ocultava mais o corpo do que exibia. SCHULTZ (2005) relata que a primeira partida feminina de tênis ocorreu em 1884 e que o movimento das jogadoras foi desajeitado devido a vestimenta inapropriada para a prática esportiva e com o passar do tempo as vestimentas foram encurtando, tornando o jogo feminino mais sexualmente atrativo por destacar os atributos físicos femininos.

Como visto, a sensualidade é mais explorada nos corpos femininos, o que faz com que o grupo “8” reclame da falta de jogadores nus ou pedirem para que ao invés da Serena fossem os jogadores Nadal ou o Federer.

Além das diferenças entre as vestimentas de homens e mulheres aqui expostos, há diferença em como a mídia tratou a forma de se vestir da jogadora negra e da branca. SCHULTZ (2005) compara Anne White que se apresentava com uma camisa justa (*bodysuit*) com o collant (*catsuit*) de Serena Williams, para a autora a vestimenta de Anne foi mais aceita devido o seu corpo estar dentro dos padrões de feminilidade enquanto que Serena tem o corpo mais masculino devido aos músculos e pelo fato de Anne ser branca e Serena ser negra.

Conforme SCHULTZ (2005) o discurso da mídia estadunidense valoriza as nádegas de Serena Williams, o mesmo não ocorre com as jogadoras brancas e assim construindo diferenças corporais baseados na raça.

Especificando sobre a vestimenta de Serena, HOBSON (2003) relata que após o Aberto dos Estados Unidos, Serena apareceu com uma roupa que deixava as formas do corpo mais perceptíveis, seu corpo foi rotulado de grotesco, estranho, não feminino, lascivo e obsceno, em especial sobre as suas nádegas.

As nádegas foram alvos de elogios e críticas pelos internautas, os elogios relatavam sobre ser grande, maravilhosa, “gostosa” e as críticas que era caída e murcha.

O corpo da atleta não passa apenas por elogios, as críticas estão presentes em 15,5% das opiniões nos grupos 6, 7, 9, 11, 13, 14 e 15.

Algumas críticas são construídas apoiadas na “anormalidade” da Serena comparadas com as outras jogadoras que são brancas de corpos heteressexualmente desejáveis. No grupo “6” além de colocá-la como feia, alguns supõe que quem a deseja está desesperado por mulher ou é homossexual querendo outro “homem” na cama; no “7” metade prefere outras tenistas, essas tenistas são brancas e heteressexualmente desejáveis; em “9” relacionam a sua quantidade de músculos com a falta de feminilidade e questionam a sua heteressexualidade como também há alguns a colocando como travesti; o “11” coloca que seu corpo esta longe de ser desejável, ela só vai ser fotografada por ser uma boa atleta, ou seja, a beleza é relativa, pois seu status atlético a “embelezou”; no “13” ironizam o corpo musculoso; em “14” ironizam, pois fugiriam dela se a encontrassem; e em “15” além das observações feitas em “9”, falam de sua cor.

No grupo “6” as relações de gênero e a sexualidade estão presentes, pois não vêem Serena com um corpo heteressexualmente desejável por estar fora dos padrões de feminilidade e as mesmas observações podem ser feitas no grupo “11”, porém somam-se as questões de raça ao colocar que ela é melhor como jogadora, pois há no imaginário social que negros são melhores nas atividades físicas do que mentais se comparado com os brancos.

CAMINO, SILVA, MACHADO e PEREIRA (2001) observaram no questionário realizado com os estudantes que eles colocaram os negros melhores em esporte, têm mais força do que inteligência, por outro lado DOUGLAS (2002) observou que constroem a imagem das irmãs como ativas, inteligentes e negras jovens, em parte do discurso “93” há “[...] *Gostosa, negra, rica, inteligente e esportista* [...]” presente no grupo “2” mostrando a recepção dessa mensagem, superando o imaginário social que negros são melhores apenas nas atividades físicas.

No grupo “7” a preferência por tenistas brancas ocorre por ter como padrão de beleza as características da população caucasiana, conforme HOBSON (2003) os padrões de beleza estética coloca a branca como bela e a negra como grotesca.

De acordo com a autora para a criação de uma estética feminina negra deve mudar o discurso dominante contra elas, passando para um discurso sobre a beleza do corpo negro.

Além da beleza branca ser a vigente, as quadras de tênis são frequentadas por atletas brancas e as irmãs negras encontraram resistência para ocupar esse espaço.

Um exemplo dado por DOUGLAS (2002) foi a manchete “*the Sisters Against the World.*” (as irmãs contra o mundo) da revista *Time* na véspera do Aberto dos Estados Unidos transmitindo que as irmãs seriam invasoras e comprometeriam a integridade do esporte.

DOUGLAS (2005) relata que em um torneio as irmãs quase se enfrentaram, não ocorreu isso por que uma saiu da competição antes do confronto e a mídia interpretou que esse acontecimento foi manipulado pelo pai, para a autora esses comentários que alegam encenação das irmãs reforçam o racismo e mostra a idéia do branco sobre o negro.

Nas partidas seguintes DOUGLAS (2005) relata que o comportamento impecado para partidas de tênis da torcida criou uma atmosfera para prejudicá-la, transmitindo que Serena não era bem vinda no tênis e que estava no lugar errado, pois a “armação” não é comportamento de brancos e trata-se de uma estratégia de hierarquização de raças.

Essas atitudes contra as irmãs Williams são colocadas por DOUGLAS (2002) que devido o discurso racial dominante, diferentes comportamentos são ligados a cor da pele e assim alguns utilizam a cor para justificar comportamentos inapropriados (fez isso ou aquilo por ser negro). As irmãs são vistas com antipatia pelo público por receberem qualidades negativas da mídia, mantém a visão de inferioridade dos negros (as) e que esses comportamentos são naturais, biológicos da raça, como também, de acordo com DOUGLAS (2005), o comportamento hostil da torcida, de parte da mídia e de algumas outras jogadoras contra as irmãs Williams reforça um padrão cândido no tênis de forma indireta.

Da mesma forma que DOUGLAS (2005) identificou que a torcida não queria uma negra no tênis ao torcer contra ela, no presente trabalho alguns internautas atacaram criticando o seu corpo e que ela não deveria estar em um local que trabalhe com o nu-artístico.

Outra forma de analisar o comportamento da torcida, seria como se eles estivessem vendo o embate entre o “bem” e o “mal”. Conforme SCHULTZ (2005) algumas revistas compararam Serena Williams a super-heróis de quadrinhos bizarros, porém superiores aos outros. Analisando as figuras de revista em quadrinhos, BEIRAS, LODETTI, CABRAL, TONELI e RAIMUNDO (2007) relatam que os corpos das heroínas são esguios e erotizados e os vilões com corpos que se afastam do padrão e de acordo com PALMER-MEHTA e HAY (2005) os heróis geralmente são homens brancos.

Pela Serena ter um corpo para o alto rendimento no tênis, ou seja, com músculos potentes, ela estaria se desviando da norma para heroínas e por ser negra não se encaixa no padrão construído de herói e, como foi relatado anteriormente, os bandidos dessas histórias são desenhados fora dos padrões normativos.

Considerando que quem derrota a vilã é a “mocinha” da história, a prova de que Serena não é a heroína está no relato de SHUART (2003), para ele o tênis feminino profissional é o melhor local para ver a construção de heroínas no esporte pela mídia e Venus é uma heroína por ser uma rival a altura de sua irmã.

Os comentários dos grupos “9”, “13” e “15” ocorrem porque no senso comum há relação entre músculos hipertrofiados com masculinidade e masculinidade nas mulheres é visto como homossexualidade que em uma sociedade homófoba é alvo de piadas, críticas e segregação.

Tais comentários refletem o tratamento dado a mídia com as atletas, conforme SCHULTZ (2005) os comentários na mídia sobre a acentuação da musculatura devido a roupa justa coloca Serena como não feminina, como também a hiper-masculiniza.

CONCLUSÃO:

As opiniões dadas pelos internautas têm ligação com raça, gênero, sexualidade e as combinações entre os três, sendo que um altera o outro, pois o tratamento dado a uma mulher no tênis é diferente ao do homem, como também o tratamento dado a tenista branca é diferente ao dado a negra e se essa negra tiver uma massa muscular que coloca o seu corpo como masculino, ao ponto das pessoas questionarem a sua heterossexualidade, terá outro tratamento.

Racismo e homofobia mostraram-se presente na opinião de alguns grupos, porém apenas o racismo foi criticado enquanto que a homofobia não. Isso mostra que algumas pessoas têm a consciência que o racismo deve ser combatido ou que o camuflam por receio de serem criticados, mas a homofobia foi tolerada apesar de ser tão

prejudicial a sociedade quanto o racismo, pois fortalece a intolerância aos que não estão na norma imposta pela sociedade impedindo de terem a sua individualidade.

No imaginário social gênero e sexualidade seguem a regra de que se o gênero não corresponde ao sexo acarretará em homossexualidade, a homofobia e o desconhecimento das pessoas sobre o conceito de gênero demonstram a falta de articulação entre a universidade e a sociedade.

O padrão de beleza está mudando, se na Idade Média estar levemente obesa era sinal de beleza e depois passou a valorizar a magreza, atualmente um novo conceito de beleza esta competindo com a magreza como a de mulher bela, é a “sarada”, principalmente da cintura para baixo. Isso corrobora com ADELMAN (2003) ao relatar que o corpo feminino ideal deixou de ser a frágil doméstica passando a ser o da “mulher ativa” que tem o corpo magro e firme, mas sem ser muito musculoso.

Trabalhar com gênero, raça e sexualidade possibilitou ampliar a área de investigação do que se trabalhasse com cada uma individualmente, pois na junção das categorias aparecem novos aspectos a serem explorados.

REFERÊNCIAS

Adelman, M (2003). Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Estudos Feministas*. 11(2): 445-465.

Beiras, A; Lodetti, A; Cabral, AG; Toneli, MJF; Raimundo, P (2007). Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. *Psicologia & Sociedade* 19(3): 62-67.
Brace-Govan, J (2002). Looking at Bodywork: Women and Three Physical Activities. *Journal of Sport & Social Issues* 26(4): 403-20

Camino, L; Silva, P; Machado, A; Pereira, C (2001). A Face Oculta do Racismo no Brasil: Uma Análise Psicossociológica. *Revista Psicologia Política* 1(1): 13-36

Cox, B; Thompson, S (2000). Multiple Bodies: Sportswomen, Soccer and Sexuality. *International Review for the Sociology of Sport* 35(1): 5–20.

Douglas, DD (2002). To be young, gifted, black and female: A meditation on the cultural politics at play in representations of Venus and Serena Williams. *SOSOL: Sociology of Sport Online* 5(2). Disponível em http://phsyed.otago.ac.nz/sosol/v5i2/v5i2_3.html

Douglas, DD (2005). Venus, Serena, and the Women’s Tennis Association: When and Where “Race” Enters. *Sociology of Sport Journal* 22(3): 256-282.

Fernández, J; Quiroga, MA; Olmo, I (2006). Is there any Relationship between Sexual Attraction and Gender Typology?. *The Spanish Journal of Psychology* 9(1):3-9.

González, JD; Martín, PJJ (2006). Fútbol y Racismo: un problema científico y social. *Revista Internacional de Ciencias del Deporte* 2(3):68-94.

Harrison, JR. L; Lee, AM; Belcher, D (1999). Race and Gender Differences in Sport Participation as a Function of Self-Schema. *Journal of Sport & Social Issues* 23(3):287-307.

Hobson, J (2003). The “Batty” Politic: Toward an Aesthetic of the Black Female Body. *Hypatia* 18(4):87-105.

Louro, G (1996). Nas redes do conceito de gênero. In: Lopes MJ, Meyer D, Waldow V (orgs.). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 12-19

Paim, MCC (2004). Visões estereotipadas sobre a mulher no esporte. *Lecturas EF y Deportes* 10(75). Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd75/mulher.htm> (27/05/2008)

Palmer-Mehta, V; Hay, K (2005). A superhero for gays? Gay masculinity and green lantern. *The Journal of American Culture*, 28(4): 390–404.

Ribeiro D (1995). *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras.

Rodrigues, FXF (2004). Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias* 6(11):260-299

Schultz, J (2005). Reading the Catsuit: Serena Williams and the Production of Blackness at the 2002 U.S. Open. *Journal of Sport and Social Issues* 29(3): 338-57.

Shuart, JA (2003). *The Media Dichotomy of Sport Heros and Sport Celebrities: Marketing of Professional Women’s Tennis Players*. Northeastern Recreation Research Symposium: 145-152.